

**Curso de línguas:
A DIVERSIDADE EM AULA DE LÍNGUA ESPANHOLA**

JAIME LUCAS CARAMÃO DE MATTOS¹; BIANCA BECKER PERTUZATTI²; DR^a
ALINE COELHO³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jaimelucas99@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – biancapertuzatti@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta ação faz parte do projeto Curso de Línguas/Espanhol e é resultado das reflexões e propostas às aulas que ministramos no projeto, organizado pela Câmara de Extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Aqui tratamos sobre a diversidade na aula de Língua Espanhola como língua estrangeira (ELE), trabalhando a relação entre cultura e identidade na aprendizagem do idioma.

A compreensão identitária é um ponto importante na construção do aprendiz de língua estrangeira (LE) pautado na ideia de língua, cultura e da relação dos indivíduos enquanto sociedade: como sobrevivemos em um grupo social e como vemos a cultura do outro. Se têm geralmente visões estereotipadas, enraizadas, da cultura do outro, e até mesmo da nossa própria cultura.

2. METODOLOGIA

Pudemos refletir, em orientações, sobre as metodologias que professores usam em um contexto escolar - como vimos também no nosso Estágio de Observação em Língua Espanhola - e acabaram surgindo questionamentos sobre métodos e conceitos que estavam presentes até mesmo na construção dos nossos planos de aula.

Em nossos cursos, utilizamos o livro didático “Gente Hoy” e partimos dele para o questionamento sobre qual concepção de cultura, identidade cultural e relação com o outro se estabelece na sala de aula de LE. O estudo de NARDI (2007), que discute e observa livros didáticos usados para ministrar aulas de ELE no Brasil e como seus discursos transmitem as ideias da relação entre língua e cultura, se coaduna às nossas reflexões e exploramos esta perspectiva a partir de sua proposta. Nosso principal questionamento se volta às questões transversais e em como a diversidade é representada (ou silenciada) na sala de aula. Para tal, usamos também como contribuição às nossas reflexões: o *e-book* “Por que discutir gênero na escola?”, de SILVA (2016), realizado pela Ação Educativa, no qual se discute gêneros, sexualidade, racismo e corpos, em relação às visões, ideologias e ensinamentos da sociedade.

A língua e a cultura são duas coisas inseparáveis no processo de ensino e aprendizagem de uma LE. A partir da pesquisa bibliográfica, pudemos elaborar práticas didáticas que privilegiassem a abordagem cultural do ensino de LE, questionando discursos e estereótipos presentes no material didático “convencional”.

Para trabalharmos a diversidade em sala de aula, utilizamos de diversas ferramentas para que houvesse uma maior aproximação do aprendiz ao uso do idioma. A utilização de músicas, vídeos e brincadeiras, por exemplo, para trabalhar os aspectos culturais, complementaram nosso trabalho, levando a aula para além do uso restrito do livro didático.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As nossas reflexões nos impulsionaram a propor uma prática em sala de aula que motivasse a análise dos estereótipos de raça, gênero e sexualidade, representados não somente no material didático utilizado, mas em materiais autênticos, fundamentais ao ensino de LE.

Nós, como professores de ELE, provocamos um olhar crítico nos aprendizes, para que fosse possível a percepção de discursos ali postos. Tais discursos silenciam a “voz” do outro. A exemplo disso, podemos perceber a falta de representação de negros, mulheres e LGBTQ+, por exemplo, nos livros didáticos de ELE, apagando a voz da minoria e alimentando os discursos que já se está acostumado e automatizado a reproduzir.

Aprender uma língua estrangeira requer um conhecimento daquelas culturas e propicia um conhecimento de si, pois reavaliamos nosso discurso observando a representação através da cultura do outro. Com tal visão, foi importante a preparação do nosso material de forma que desobedecesse a ordem enraizada, apresentando outro viés, outra forma de olhar a sociedade, a cultura e, consequentemente, as identidades, resultando na maior representatividade e aparição da diversidade.

Com as nossas discussões, que ainda ocorrem no segundo semestre de 2018, pudemos compartilhar experiências e aprender mais sobre relações em sociedade, raças, gêneros e sexualidades, por exemplo, provocando o uso do idioma em um contexto real, onde a representatividade e diversidade pudessem ser pensadas, sem que precisássemos apenas reproduzir discursos enraizados na sociedade, mas questioná-los e pensar em outras formas de abordar os temas culturais.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que podemos levar à comunidade formas de ensino-aprendizagem não-convencionais, trazendo a diversidade em discussão, fazendo com que a voz da minoria não seja silenciada no ensino de LE. O sujeito tem que se sentir parte daquilo em que está envolvido, e por isso a desconstrução de modelos enraizados no discurso social no ensino de uma língua estrangeira é tão importante, para fazer com que haja representação e identificação de quem o outro (e eu) somos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NARDI, F.S. **Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira.** 2007. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Edição brasileira. Tradução: AGUIAR, R. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, A., et. al. **Por que discutir gênero na escola?.** São Paulo: Ação Educativa, 2016.